

**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

GABRIEL DO MONTE ROCHA

**MANDARIM E CULTURA: A IMPORTÂNCIA DO IDIOMA PARA A IMAGEM DA
CHINA NO BRASIL**

**Recife
2024**

GABRIEL DO MONTE ROCHA

**MANDARIM E CULTURA: A IMPORTÂNCIA DO IDIOMA PARA A IMAGEM DA
CHINA NO BRASIL**

Monografia apresentada ao Curso de
Relações Internacionais da Faculdade
Damas da Instrução Cristã como requisito
para obtenção do título de bacharel em
Relações Internacionais.

Áreas de Conhecimento:

Orientador: Pedro Soares

**Recife
2024**

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

R672m Rocha, Gabriel do Monte.
Mandarin e cultura: a importância do idioma para a imagem da
China no Brasil / Gabriel do Monte Rocha. – Recife, 2024.
31 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Gustavo Cavalcanti Soares.
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia – Relações
Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2024.
Inclui bibliografia.

1. Mandarim. 2. Estereótipo. 3. Relação China-Brasil. 4.
Alexander Wendt. 5. Pierre Bourdieu. I. Soares, Pedro Henrique
Gustavo Cavalcanti. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III.
Título.

327 CDU (22. ed.)

FADIC (2024.2-002)

GABRIEL DO MONTE ROCHA

**MANDARIM E CULTURA: A IMPORTÂNCIA DO IDIOMA PARA A IMAGEM DA
CHINA NO BRASIL**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Relações Internacionais, sob a orientação do Prof. D. Pedro Soares

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Joyce Helena Ferreira da Silva

Prof. Me. Anna Gabriella Cavalcante Mamede de Almeida

Prof. Dr. Pedro Gustavo Cavalcanti Soares

Recife
2024

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso aborda a percepção estereotipada do povo brasileiro para com a população chinesa a partir da renovação do Plano de Ação Conjunta China-Brasil (PAC), em 2014, e como essa imagem pode ser desconstruída através do ensino de mandarim no Brasil. O objetivo principal deste trabalho é, através da perspectiva do construtivismo de Alexander Wendt e do conceito de Poder Simbólico de Pierre Bourdieu, analisar como a disseminação do ensino de mandarim pode contribuir para a mudança da imagem estereotipada que os brasileiros têm dos chineses. Para isso, foi utilizada uma abordagem qualitativa de revisão bibliográfica, com um enfoque na análise de notícias de jornal que reflitam os acontecimentos pós PAC. Como conclusão, foi percebido que o ensino de mandarim possui grande influência na desconstrução desses estereótipos, porém, não consegue desmontar arquétipos criados desde o período colonial brasileiro sozinho.

Palavras chave: mandarim; estereótipo; relação China-Brasil; Alexander Wendt; Pierre Bourdieu.

ABSTRACT

This Bachelor's thesis addresses the stereotypical perception of Brazilians towards Chinese people starting from the renewal of Plano de Ação Conjunta China-Brasil (PAC), in 2014, and how this view can be deconstructed through Mandarin teaching in Brazil. The main objective of this work is, through the perspective of Alexander Wendt's constructivism and the concept of Symbolic Power created by Pierre Bourdieu, to analyze how the dissemination of Mandarin teaching can contribute to changing the stereotypical image Brazilians have of Chinese people. For this purpose, a qualitative approach of literature review was utilized, focusing on the analysis of newspaper news which reflected upon events post PAC. In conclusion, it was noticed that the teaching of Mandarin possesses a great influence on the deconstruction of these stereotypes, however, it can not disrupt archetypes created since Brazil's colonial era on its own.

Keywords: mandarin; stereotype; China-Brazil's relation; Alexander Wendt; Pierre Bourdieu.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 IDENTIDADES E INTERESSES MODIFICAM A ESTRUTURA INTERNACIONAL	9
2.1 MANDARIM COMO PODER SIMBÓLICO.....	13
3 HISTÓRICO DOS ESTEREÓTIPOS CHINESES NO BRASIL	17
3.1 O ESTEREÓTIPO CHINÊS NO BRASIL.....	20
3.2 SENSACIONALISMO E MANUTENÇÃO DO ESTEREÓTIPO.....	22
3.3 MANDARIM NA RELAÇÃO BRASIL-CHINA (2014-2024).....	23
4 O ENSINO DO IDIOMA COMO FERRAMENTA PARA COMPREENSÃO CULTURAL.....	24
4.1 O IMPACTO DO ENSINO DE MANDARIM NO BRASIL.....	26
5 CONCLUSÃO	29
REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

No ano de 1881, Brasil e China davam início à sua primeira relação diplomática com a assinatura do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação com o objetivo de regularizar suas trocas comerciais e garantir proteção entre seus cidadãos. Por décadas essas relações foram brandas devido a desencontros de interesses e a conflitos internos que ambos os países passavam.

Com o fim do governo do Kuomintang (Partido Nacionalista Chinês) e a ascensão do Partido Comunista Chinês (PCCh) de Mao Tsé-Tung (1949), o Estado brasileiro corta relações com o país e volta sua atenção para o continente africano, para apenas se redirecionar novamente, de maneira branda, à relações coma China em 1974 no governo Geisel, durante a Ditadura Militar brasileira. Porém, no ano de 2014, a então presidente brasileira Dilma Rousseff e Xi Jinping, o líder chinês, decidem atualizar o Plano de Ação Conjunta entre seus governos com o intuito de promover uma parceria estratégica entre ambos os países.

O chamado Plano de Ação Conjunta, em seu Artigo 14, focado em questões de cunho educacional, afirma que ambos os países concordam em fornecer auxílio no ensino de idiomas através do apoio a programas de língua portuguesa ou chinesa em universidades de ambos os países.¹

Tendo isso em vista, fica clara a intenção de ambos os países em promover o intercâmbio linguístico em seus respectivos territórios e essa troca pode ser bastante benéfica para a China quando colocamos em perspectiva a atual situação da imagem que se tem do país no Brasil.

Apesar da relação com o país brasileiro ter crescido a ponto de se tornar seu maior parceiro comercial, a imagem cultural da China no país permanece distante da de um grande parceiro fornecedor e comprador. Embora existam laços mercadológicos robustos, as relações socioculturais entre seus povos permanecem estáticas, presas a visões estereotipadas acerca da cultura e de tudo que a identidade chinesa poderia representar de fato.

Portanto, levando em conta a contradição existente entre o papel da China

¹ Retirado do Plano de Ação Conjunta entre o governo da República Federativa do Brasil e o governo da República Popular da China 2015-2021, artigo 14, tópico 6. Disponível em: https://www.gov.br/aeb/pt-br/programa-espacial-brasileiro/cooperacao-internacional/documentos-china/acordochina2015_a.pdf. Acesso em: 28 nov. 2024.

como parceiro econômico mais importante do Brasil e sua branda participação em laços socioculturais com o país, é válida a pesquisa acerca de como se estabelece esse afastamento, o porquê dele ocorrer, e como esse objetivo do Plano de Ação Conjunta do fortalecimento do intercâmbio linguístico, com enfoque no ensino de mandarim no Brasil a partir da firma desse plano, pode contribuir para a mudança da imagem estereotipada que os brasileiros têm dos chineses.

Nesse artigo, será investigado como a disseminação do ensino de mandarim no Brasil pode contribuir para a desconstrução da imagem estereotipada que os brasileiros têm dos chineses, tomando como ponto de partida a renovação do Plano de Ação Conjunta no ano de 2014 até o ano de 2021.

Será feita uma pesquisa teórica exploratória, utilizando-se do método qualitativo de revisão bibliográfica, para a utilização dos pensamentos do autor construtivista Alexander Wendt acerca dos conceitos de intersubjetividade, interesses e identidades e como eles podem interagir com a questão da importância de um idioma para a identidade percebida de um país por outros indivíduos estrangeiros.

Ademais, serão utilizados os conceitos derivados da teoria do Poder Simbólico do sociólogo Pierre Bourdieu e como o ensino do mandarim no Brasil pode ser percebido como capital simbólico no campo educacional e dessa forma, atrair cada vez mais pessoas a entender a cultura chinesa de uma perspectiva menos tomada pelo estereótipo.

2 IDENTIDADES E INTERESSES MODIFICAM A ESTRUTURA INTERNACIONAL

A princípio, torna-se relevante explicitar o discurso expresso por Alexander Wendt em seu texto “A Anarquia é o que os Estados fazem dela” para se ter uma visão mais clara de como as instituições e os atores dentro do sistema internacional podem se transformar ao longo do tempo. Dependendo das mudanças das identidades e dos interesses difundidos na estrutura esse fator pode impactar no estreitamento das relações culturais entre o Brasil e a China.

O autor começa seu texto trazendo à tona a virada de paradigma dentro dos estudos das Relações Internacionais, o qual, no começo da década de 90, se encontrava centralizado na discussão sobre a extensão até a qual a ação estatal é influenciada pela anarquia e a distribuição do poder no sistema internacional contra a interação, aprendizagem e as instituições, pondo em questionamento os limites e a mutabilidade da anarquia internacional.

Por esse aspecto, Wendt (1992) explicita essa mudança paradigmática através da formação de identidades e interesses, na qual, ele constata que os autores realistas entendem que as identidades e os interesses estão alheios às transformações das instituições e tendem a desconsiderar a questão da formação desses interesses e identidades.

Em contrapartida, pensadores pós-estruturalistas, pós-modernos e construtivistas compartilham da concepção de que as identidades e os interesses dos Estados são partes endógenas do processo de interação e transformação das instituições sob os interesses.

Através dessa perspectiva, o autor construtivista afirma que a estrutura não está alheia aos resultados criados pela mudança do processo de surgimento de novas identidades e interesses (Wendt, 1992), levando como principal exemplo, nesse caso descrito por ele, o conceito de anarquia, que conforme é intitulado o artigo, é formada a partir dos interesses dos Estados.

Não há uma “lógica” da anarquia à parte das práticas que criam e instanciam uma estrutura de identidades e interesses em detrimento de outras; a estrutura não tem existência ou poderes causais à parte do processo. A autoajuda e a política de poder são instituições, não características essenciais da anarquia. A anarquia é o que os estados fazem dela (Wendt, 1992, p. 394-395).

A partir desse ponto, Wendt (1992) apresenta o conceito de “uma estrutura de identidade e interesse”. Ele explica que os construtivistas têm como um de seus princípios fundamentais que as pessoas agem relativamente aos objetos, incluindo outros atores, com base no significado que esses objetos têm para elas e cita como exemplo a ação dos Estados perante amigos e inimigos, pois, os inimigos são ameaçadores à sua existência e os amigos não são.

Com o exemplo ele expressa de maneira prática que determinadas ações e características dos Estados, ou indivíduos, geram interpretações distintas para diferentes perceptores de acordo com as suas posições estruturais, pois, o grandioso poder militar dos Estados Unidos tem um significado para o Canadá e outro para Cuba.

Apenas considerar a questão da distribuição do poder não é o suficiente para se explicar essas percepções, é necessário compreender a intersubjetividade. Para a teoria construtivista nas Relações Internacionais, esse conceito expressa que as interações entre os atores internacionais são moldadas por significados compartilhados e entendimentos comuns, sendo assim, construídos por meio da interação social, e não apenas fixos e inerentes à natureza.

Esse processo se dá por meio da troca de normas, valores e crenças negociados e internalizados pelos atores sociais, isso torna as estruturas sociais parte intrínseca dessa compreensão intersubjetiva, visto que, levando em conta esse conceito, os Estados são e agem de acordo com como eles se veem e se percebem em relação aos outros Estados, em um processo contínuo de construção social (Wendt, 1992).

Tendo isso em vista, podemos considerar que o conceito de intersubjetividade também pode ser aplicado ao avaliarmos a importância de um idioma para a identidade percebida de um determinado país, que é o ponto central deste texto. A linguagem também pode funcionar como um valor que é trocado entre atores e que influencia os interesses e as identidades dos outros atores, dessa forma, podemos relacionar a ideia de que os idiomas podem ser considerados como ferramenta de um Estado para com o outro, como uma tentativa de modificar sua identidade e percepção.

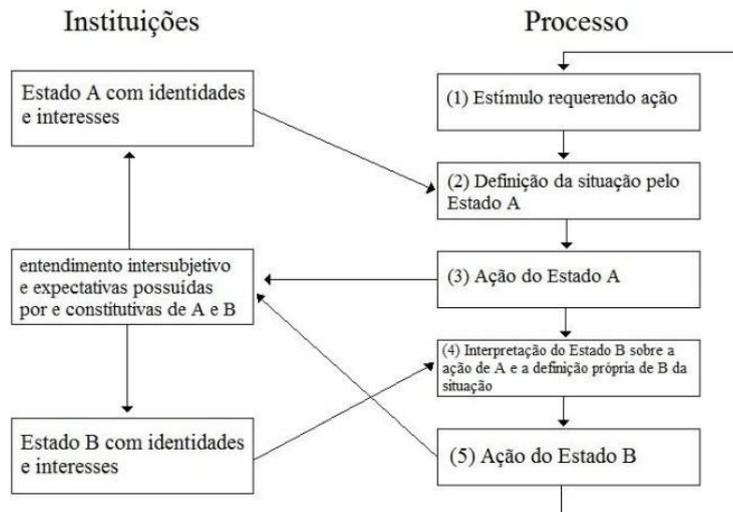
Entendendo o que é a intersubjetividade, também é importante entender os conceitos que a determinam, sendo os citados interesses e as identidades. Os atores constroem suas identidades - entendimentos e expectativas sobre si próprios -

através da participação nesse processo de troca de normas, valores e crenças entre si, os permitindo também a assunção de mais de uma identidade (Wendt, 1992).

Wendt explica que assim como uma pessoa possui diversas posturas de acordo com o local no qual ela está posicionada na estrutura social, os atores internacionais também o fazem. Da mesma maneira que um mesmo indivíduo assume os papéis de “filho”, “irmão” e “pai”, um Estado pode assumir o papel de “líder”, “coadjuvante” ou “inimigo” de acordo com as percepções dos outros atores sobre suas identidades.

Assim, os interesses provêm das identidades, e são definidos conforme o contexto social em que os atores estão inseridos (Wendt, 1992), pois, a partir do contexto, determinados estímulos podem gerar interesses específicos nos atores de acordo com suas identidades estabelecidas - definidas por normas, crenças, valores adquiridos pela intersubjetividade - e esses interesses podem levá-los a tomar decisões que serão refletidas em outros atores de maneiras distintas de acordo com as identidades desses outros atores, conforme ilustra o fluxograma abaixo.

FIGURA 1. A codeterminação das instituições e do processo²



É possível perceber esse conceito observando a relação do Brasil com a China, pois, apesar de tê-la como seu principal e mais importante parceiro comercial,³

² Retirado do texto “A Anarquia é o que os Estados fazem dela: A construção social da política de poder” de Alexander Wendt (1992).

³ Segundo o Ministro Carlos Fávaro da Agricultura e Pecuária comentou na notícia “Mapa intensifica relações com maior parceiro comercial do Brasil” sobre a China ser o principal parceiro comercial do Brasil e o Estado brasileiro possuir o interesse em fortalecer o comércio entre ambos os países. Disponível em:

<https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/mapa-intensifica-relacoes-com-maior-parceiro-c>

a nação brasileira comum não demonstra interesse de trocas culturais equivalentes ao interesse pelas trocas comerciais para com a nação chinesa. Por outro lado, é bastante comum o interesse exacerbado pela cultura de países que não têm tanta proximidade comercial com o Brasil como a China, a exemplo do interesse brasileiro pela cultura norte-americana e europeia.

O estabelecimento das trocas comerciais entre o Brasil e a China já atingiu um patamar bastante consistente e isso pode ser percebido através das grandes quantidades de produtos agrícolas brasileiros exportados para a China e de tecnologia chinesa importada pelo Brasil.

O Governo Federal em nota no mês de fevereiro no ano de 2023 que entre novembro e dezembro de 2022, no período de apenas um mês, o Brasil atingiu o número de 1.10 milhão de toneladas de milho exportadas e no mesmo período, US\$ 819,82 milhões de dólares em soja foram vendidas à China.⁴

Essa parceria pode ser justificada pelo fato da complementaridade e da interdependência econômica, visto que o Brasil consegue fornecer commodities (produtos de matéria-prima básica) e a China exporta sua tecnologia para o Brasil. No entanto, conforme mencionado anteriormente, é possível perceber que apesar dessa parceria consolidada, a China permanece com uma imagem bastante estereotipada para os brasileiros.

É muito comum ouvir comentários de pessoas das mais diversas classes sociais acerca do povo chinês. Seus traços fenotípicos são ridicularizados através da utilização de termos pejorativos e o termo “chinês” é bastante utilizado no Brasil para se referir a produtos de baixa qualidade ou durabilidade.

Além disso, houve ataques diretos à China, pelo então presidente da república brasileiro Jair Bolsonaro, durante o período da pandemia do Covid 19 que assolou o Brasil. O líder brasileiro alegou que a proliferação global do vírus havia sido parte de uma suposta guerra biológica do Estado chinês.⁵

Portanto, é possível perceber que há uma resistência em ceder à relações não-

omercial-do-brasil . Acesso em: 29 set. 2024.

⁴ Segundo notícia “Mapa intensifica relações com o maior parceiro comercial do Brasil” do Governo Federal. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/mapa-intensifica-relacoes-com-maior-parceiro-comercial-do-brasil> . Acesso em: 29 set. 2024.

⁵ Segundo expresso na notícia “Fala de Bolsonaro sobre China causa polêmica em reunião da CRE com chanceler” da Agência Senado em 06/05/2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/06/fala-de-bolsonaro-sobre-china-causa-polemica-em-reuniao-da-cre-com-chanceler>. Acesso em: 28 set. 2024

econômicas com a China e é notável que a o povo brasileiro não “ceda” a essa influência comercial e permaneça mais suscetível às interferências ocidentais (europeias e norte-americanas) devido a fatores como localização geográfica, história, e até mesmo o interesse desses Estados em manter o povo brasileiro como influenciado por seus modos de vida. Porém, também há interesse no estreitamento desses laços culturais por parte de ambos os países.

É perceptível que há um interesse de ambos Estados em estreitar laços culturais mais firmes, e uma maneira que tem se tornado expressiva é através da linguagem. Mediante a situação em que estão colocados ambos os países, o intercâmbio cultural que pode ser alcançado através da disseminação dos idiomas respectivos a cada um dos dois países é válida como parte da intersubjetividade que eles possuem entre si.

2.1 MANDARIM COMO PODER SIMBÓLICO

Para além da visão construtivista de Wendt, também é válido perceber o pensamento do sociólogo francês Pierre Bourdieu e seu conceito de Poder Simbólico. O autor o classifica como a capacidade de dominar ou influenciar outras pessoas não através da força física e legítima do Estado conforme explica Max Weber (1919) ou da coerção do poder econômico, mas por meio de símbolos, significados e práticas culturais que parecem naturais ou legítimos (Bourdieu, 1989).

O Poder Simbólico se encontra enraizado nas estruturas sociais e culturais e é exercido por indivíduos ou instituições que possuam um certo grau de legitimidade e credibilidade como: líderes políticos, instituições religiosas, intelectuais e pessoas abastadas. Além disso, é comum que esse poder ocorra sem que as pessoas que o exercem e as pessoas que o recebem não percebam sua ocorrência.

“O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (Bourdieu, 1989, p. 7-8).

Ademais, Bourdieu define que esse poder se trata de uma forma transformada, irreconhecível e legitimada das outras formas de poder (Bourdieu, 1989) como o poder econômico e o poder cultural.

Essa transformação pode ser percebida através do seguinte exemplo: Um indivíduo com bastante dinheiro naturalmente detém poder econômico, porém, a partir

do momento em que ele adquire visibilidade pelo seu status socioeconômico e estilo de vida, esse poder se torna simbólico pois outras pessoas passam a endossar as atitudes desse indivíduo não mais apenas pelo seu poder econômico, mas pelo seu prestígio social e o que ele representa.

Para além do Poder Simbólico, Bourdieu explica que os indivíduos, ao conviver em sociedade, possuem uma capacidade de absorver os estímulos sociais, culturais e históricos dispostos na estrutura e criar ou transformar sua postura - modo de pensar, sentir e agir - para com o ambiente ao seu redor. Ele chama esse conceito de *habitus*.

“Habitus, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido , e também um haver, um capital [...] o *habitus* [...] indica a disposição incorporada, quase postural” (Bourdieu, 1989, p. 61).

As pessoas absorvem de maneira implícita as normas, valores e práticas do meio onde elas vivem e acabam desenvolvendo *habitus* que se adequa ao ambiente do qual ela faz parte como por exemplo: uma pessoa que cresceu em um ambiente de classe alta tende a desenvolver um *habitus* que a leva a se sentir confortável em ambientes luxuosos enquanto alguém de origens mais humildes pode se sentir deslocado nesses ambientes.

Essa maneira de refletir o que se absorve da sociedade a sua maneira ocorre dentro do que o autor chama de campos, que seriam os espaços sociais onde ocorre a construção do *habitus* e onde os indivíduos disputam pelo que Bourdieu chama de capital.

Ele mostra ao longo do seu texto que existem diferentes tipos de campos pelos quais as estruturas sociais permeiam. Esses âmbitos possuem regras específicas e inerentes a eles que fazem com que os *habitus* dos indivíduos que fazem parte deles pareçam senso comum. Ou seja, em um campo, o indivíduo se sente pertencente e incentivado a agir de acordo com o seu *habitus*. (Bourdieu, 1989). Em síntese, esses campos são o espaço de atuação de um indivíduo na sociedade ou de grupos sociais.

Para além dos campos e dos *habitus*, Bourdieu explica os diferentes tipos do que ele chama de capital, que são formas de recursos que os indivíduos acumulam e utilizam para obter vantagens em diferentes contextos sociais.

O autor desenvolve diversos tipos de capital porém os principais são: capital econômico - representa as posses materiais de um indivíduo -, capital social - relações sociais, credibilidade e influências sobre as pessoas -, capital cultural - bagagem

cultural, acesso a arte e conhecimento - e o capital simbólico que reflete a posição e a legitimidade que é concedida a alguém. Esses capitais são, para ele, a fonte de onde surge a desigualdade na sociedade, pois, devido a sua escassez, alguns indivíduos possuem acesso a esses capitais e outros não.

Um âmbito em que podemos encontrar o Poder Simbólico é no domínio de idiomas hegemônicos nos campos educacional e cultural . A língua inglesa se tornou a língua dominante nos âmbitos midiáticos, de negócios, na ciência, diplomacia e em diversos outros e por isso tem se tornado bastante comum vermos termos em inglês substituindo outros termos que no Brasil, por exemplo, já existiam no português.

Dessa forma, atrelados ao à língua inglesa temos o capital cultural, visto que uma pessoa com domínio de inglês consegue acessar uma gama de ambientes educacionais, culturais e sociais a mais do que alguém que não domina o idioma, bem como o capital social, adquirido através das relações com pessoas que falem apenas esse idioma, por exemplo.

Esse fato é resultado do prestígio e do capital simbólico que foi atrelado ao idioma indiretamente através da posição que os países que o têm como língua nativa possuem e gera interesse por parte de países não-falantes da língua inglesa a adotarem o ensino desse idioma como forma de adquirir esse capital que ele traz consigo.

Assim como no inglês, também é possível identificarmos o capital simbólico no aprendizado da língua chinesa, visto que, conforme mencionado anteriormente, o Brasil possui relações comerciais bastante estabelecidas com a China, tendo-a como seu principal parceiro econômico. Esse fato resulta no interesse maior pelo aprendizado do idioma como forma de se destacar no campo econômico, pois as pessoas podem relacionar a parceria econômica com o país ao aumento de oportunidades.

Para além do capital simbólico e econômico que o aprendizado de mandarim pode representar para os brasileiros, é possível notar que o domínio desse idioma também pode representar um capital cultural bastante globalizado, tendo em vista que, o acesso ao idioma abre espaço para o conhecimento acerca das culturas chinesas.

É válido também perceber que, como discutido anteriormente, há uma intenção do Estado chinês em disseminar o estudo de seu idioma no território brasileiro. Esse fato pode ser percebido pelo estabelecimento dos chamados “Institutos Confúcio”, que

são entidades representantes do Hanban - Ministério da Educação da República Popular da China - espalhadas em diversos países com o intuito de promover o ensino do mandarim, o intercâmbio cultural e de disseminar o conhecimento acerca dos costumes tradicionais chineses.⁶

A incorporação do Instituto Confúcio a instituições de ensino superior no Brasil, como a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e a Universidade Estadual Paulista (Unesp) representa a intenção chinesa de se aproximar diretamente do campo educacional brasileiro, a fim de expandir o *habitus* dos estudantes brasileiros e mostrá-los o potencial de obtenção de capital cultural, simbólico e econômico através do estudo do mandarim e de sua utilização como forma de adquirir um certo grau de poder simbólico, através do prestígio que se é atribuído ao se ter domínio de um idioma considerado hegemônico e importante para as relações econômicas do Brasil com o seu maior parceiro comercial.

⁶ Conforme expresso no site oficial do Instituto Confúcio em parceria com a Universidade Estadual Paulista (Unesp) no Brasil “O Instituto Confúcio é uma instituição sediada na China com o objetivo de promover o ensino da língua e cultura chinesas” Disponível em: <https://www.institutoconfucio.com.br/sobre/>. Acesso em: 30 set. 2024.

3 HISTÓRICO DOS ESTEREÓTIPOS CHINESES NO BRASIL

A percepção dos brasileiros sobre a China é influenciada por um conjunto de fatores históricos, culturais e, até mesmo, midiáticos que contribuíram para a construção de estereótipos e preconceitos ao longo da história. É preciso compreender esse processo contínuo da formação dessa percepção para se entender que a imagem estereotipada do Brasil para com a China não é de todo modo natural e simplesmente existe, mas é formada através de interesses.

É bastante compreensível pensar no sociólogo jamaico-britânico Stuart Hall e na ideia de que a cultura se forma também como uma forma de resposta ao contexto histórico no qual ela está inserida (Hall, 1990).

Essa perspectiva corrobora com a ideia de que para que os brasileiros percebam os chineses como um só povo, ideologicamente e culturalmente homogêneo, que se alimenta majoritariamente de animais exóticos e buscam se sobressair no mercado apenas através da venda de produtos de baixa qualidade, foi e é necessário uma intenção de que essa imagem permaneça como está, para além de fatores “aleatórios” da história.

A princípio, é possível pensar que devido ao distanciamento geográfico e o fato da cultura chinesa ter se desenvolvido com pouca interferência estrangeira seja compreensível que haja um afastamento diametral entre essas duas identidades, brasileiras e chinesas, pois, até mesmo quando se pensa em trocas comerciais, o contato chinês com o mundo ocidental se resumiu à venda de chá e seda por muitos séculos e necessitava de uma intermediação europeia para que os produtos chineses atingissem mercados mais afastados.

No entanto, é relevante perceber que após o processo de colonização das américas no século XV, qualquer contato que os povos americanos poderiam chegar a ter com outros povos não-europeus ficaria à mercê da autorização de seus colonizadores. Além disso, com a promulgação da Lei Eusébio de Queirós (1850) que criminalizava o ingresso de escravizados africanos no Brasil, instaurou-se o debate entre a classe mais abastada de como eles iriam manter a economia do território com o fim da base do seu sustento que eram os negros escravizados.

Após pensarem na contratação de brancos europeus, o que não surtiu tanto efeito pois a maioria dos brancos que atravessam o Oceano Atlântico para vir tentar

uma nova vida nas Américas, se dirigia à Argentina e aos Estados Unidos devido ao clima mais parecido com os de suas terras natais, na Assembleia da Província de São Paulo e na Câmara dos Deputados do Rio de Janeiro (1879),⁷ foi decidido que imigrantes chineses deveriam ser empregados nos trabalhos que antes eram forçados aos africanos, visto que chamados “chins”⁸ eram considerados obedientes.

Ademais, os europeus chegaram às Américas pautados pelo eurocentrismo, que é a ideia que centraliza a Europa como ponto de partida da evolução e do processo que os europeus definem como civilizatório do resto do mundo.

Essa ideia pode ser percebida através do pensamento do intelectual palestino Edward Said expresso em seu livro “Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente” no qual ele diz que:

“O Oriente era praticamente uma invenção europeia e fora desde a Antiguidade um lugar de episódios romanescos, seres exóticos, lembranças e paisagens encantadas, experiências extraordinárias”. (Said, 1978, p. 27)

Said afirma que essa ideia reflete uma relação de poder que a Europa impôs ao estabelecer o Oriente como uma espécie de eu substituto e até subterrâneo (Said, 1978), bem como explica que a cultura europeia ganhou força ao se contrastar com esse “outro” exótico. Dessa maneira, fica mais perceptível que a estereotipificação do povo chinês como parte do Oriente é proveniente, também, da intenção do Ocidente - aqui representado pelo subcontinente europeu ocidental - de alterar o Oriente.

Para além do período colonial, também pode-se perceber o interesse de distanciar a China do mundo ocidental e das Américas no período da Guerra Fria (1947-1991). Durante esse período, a China se aliou à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) - o então maior adversário do bloco ocidental - devido ao seu alinhamento ideológico, por causa da Revolução Chinesa de 1949, na qual o líder Mao Tsé-tung do Partido Comunista Chinês assumiu o controle do país.

Essa posição política fez da China um alvo estratégico da propaganda política ocidental no Brasil por parte dos Estados Unidos, que detinha bastante influência sobre o país e outros territórios sul-americanos na época. Como forma de distanciar

⁷ Segundo matéria “O fascínio e o preconceito contra a China que atravessam a história do Brasil” de Daniel Salomão Roque para a BBC News Brasil (05/08/2023). Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cx9nwyv58yno>. Acesso em: 30 set. 2024.

⁸ Forma como eram chamados os chineses e os mongóis, visto que para os brasileiros da época, ambos os povos eram um só povo.

a China, houve associação do comunismo com a opressão, pobreza extrema e falta de liberdade na mídia através de charges satíricas que reforçam esses pontos.

Por meio da hostilização desses aspectos, a mídia ocidental hegemônica perpetuar a ideia do período do Terror Vermelho, que foi a ideia perpetuada nos Estados Unidos de medo ao comunismo e a sua ameaça aos regimes capitalistas liberais.⁹

Essa política não apenas criticava o sistema político comunista, mas também desumanizava a cultura chinesa, retratando-a como exótica e opressiva, com o intuito de conter a ideia de que o modelo socialista chinês fosse visto como uma alternativa viável nos países em desenvolvimento, a exemplo do Brasil. Além disso, ao deslegitimar a China e seu sistema político, os Estados Unidos e a Europa ocidental buscavam assegurar que seus modelos econômicos, culturais e políticos fossem vistos como os mais eficazes e visados por esses países em desenvolvimento. Isso incluía não apenas evitar alianças políticas com a China, mas também limitar o comércio e o intercâmbio cultural com o país.

Um período que demonstra bastante a ação dos Estados Unidos no Brasil para o combate ao suposto Terror Vermelho foi no Golpe de 1º de abril de 1964 que deu início a Ditadura Militar Brasileira (1964-1985) no qual o regime adotou uma postura diretamente anticomunista, alinhada aos Estados Unidos e a outros países do bloco ocidental durante da a Guerra Fria. Os militares golpistas se utilizaram dessa prerrogativa de combate ao comunismo para justificar a repressão para com a população que demonstrasse o mínimo envolvimento com ideologias de esquerda, submetendo esses indivíduos a torturas bárbaras e até mesmo à morte.

O combate à qualquer tipo de relação Brasil-China durante o período da Ditadura Militar só veio começar a se dissipar, ainda que de maneira branda, durante o governo de Ernesto Geisel (1974-1979), seguindo o movimento da Casa Branca durante o governo de Richard Nixon (1969-1974) que decidiu reabrir uma aproximação pragmática com a China devido ao seu crescimento econômico.¹⁰

⁹ Segundo o artigo *The Red Scare: A história do pensamento anticomunista e suas consequências no mundo Ocidental* de Maria Eduarda Martins e Maria Luiza Alves de Melo, publicado pelo Repositório Digital ASCES do Centro Universitário Tabosa de Almeida. Disponível em: <http://repositorio.asc.es.edu.br/browse?type=author&value=MARTINS%2C+Maria+Eduarda>. Acesso em: 10 out. 2024.

¹⁰ Segundo notícia “50 anos da retomada sino-brasileira: o retrato de um imperativo de Terceiro Mundo” do *Le Monde Diplomatique Brasil*. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/50-anos-da-retomada-sino-brasileira-o-retrato-de-um-imperativo-de-terceiro-mundo/>. Acesso em: 10 out. 202

Até então, a política externa brasileira mantinha o afastamento e a exclusão de qualquer tipo de relação com o governo de Pequim como um elemento fundamental de sua segurança nacional e da manutenção das boas relações com suas nações aliadas, principalmente os Estados Unidos.

Esses fatores denotam o poder simbólico (Bourdieu, 1989) que os Estados Unidos exerciam sobre o Estado Brasileiro, pois, devido à posição que o país ocupava de liderança política e econômica nas Américas como uma potência em ascensão, tornou-se natural para os líderes militares brasileiros se adequar às prerrogativas estabelecidas pela Casa Branca.

3.1 O ESTEREÓTIPO CHINÊS NO BRASIL

Existem diversos estereótipos associados ao povo chinês no Brasil que refletem a falta de conhecimento sobre as culturas chinesas quanto a influência de discursos midiáticos e históricos. Por diversas vezes, os chineses são vistos de forma reduzida, sendo postos no local de trabalhadores incansáveis ou percebidos apenas como proprietários de estabelecimentos de comércio popular ou práticas comerciais vistas como informais. Bem como a propagação da percepção acerca da suposta baixa qualidade dos produtos chineses, os quais são frequentemente descritos como “baratos” e de baixa qualidade.

Outro estereótipo comum é de que os chineses são extremamente disciplinados, muitas vezes vistos como “robotizados” e dedicados somente aos estudos acadêmicos e ao trabalho, o que reduz e desumaniza esses indivíduos, ignorando a riqueza de expressões culturais, o senso de humor e as relações interpessoais que também fazem parte da vida dessas pessoas como de qualquer outra.

Esse pensamento pôde ser percebido no dia a dia da maioria dos cidadãos brasileiros durante a pandemia do covid-19, que assolou o Brasil entre os períodos de março de 2020 e maio de 2023, oficialmente. Conforme explica Kamila Czepula, doutora em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).¹¹

¹¹Segundo matéria “O fascínio e o preconceito contra a China que atravessam a história do Brasil” de Daniel Salomão Roque para a BBC News Brasil (05/08/2023). Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cx9nwyyv58yno>. Acesso em: 30 set. 2024

Com espanto, vi falas [...] que eu havia examinado em documentos centenários, ressurgirem em nossos espaços cotidianos, como o metrô. Ouvi muitas senhorinhas dizendo que os chineses são sujos e transmitem doenças, que eles comem qualquer coisa e se multiplicam feito bichos para devastar nossa nação.

Falas como a escutada pela doutora Kamila Czepula são bastante comuns até hoje e explicitam como os chineses são enxergados pela população brasileira. A visão de que eles são estranhos e que só se alimentam de animais exóticos são exemplos que quando são somados a fala mencionada anteriormente do então presidente da república brasileira Jair Bolsonaro de que a disseminação da covid-19 em escala global havia sido um caso programado pelo governo chinês, evidenciam a gravidade do preconceito que essa população ainda sofre por questões do passado, bem como que os estereótipos atrelados a eles permanecem com tanta força, se não mais, do que no período colonial ou da Guerra Fria.

Além das questões voltadas para o trabalho e o comércio, se escuta falar sobre a culinária chinesa. Apesar de ser milenar e uma das mais ricas e diversificadas do mundo, no imaginário brasileiro, ela é frequentemente reduzida ao estereótipo de “comida exótica” ou “comida estranha”. Mesmo sendo de fato bastante distinta do que se encontra costumeiramente em culturas ocidentais mais populares, a culinária chinesa é bastante vasta.

Costuma-se generalizar a alimentação padrão do povo chinês à que ocorre em locais específicos do país, que é o caso do famoso festival da cidade de Yulin onde a carne de cachorro é de fato consumida.

Porém, o que pouco se discute é que esse festival, apesar do que muitos pensam, não é algo milenar que está enraizado na cultura chinesa, mas sim uma festividade inaugurada por comerciantes locais no ano de 2009 que buscavam obter mais lucro através da venda da carne desse animal.

De fato existe uma crença de que a carne de cachorro pode trazer boa sorte ou até mesmo ser benéfica para a saúde. No entanto, essa crença é minoritária, pois o que a maioria dos chineses, principalmente jovens, percebem é que essa prática é antiética e pode trazer riscos para a saúde. Um fator que comprova esse pensamento é que a cidade de Shenzhen, bastante popular pelo seus portos que promovem o comércio marítimo com outros países, proibiu o consumo da carne

canina em abril de 2020.¹²

3.2 SENSACIONALISMO E MANUTENÇÃO DO ESTEREÓTIPO

Como foi visto, esses estereótipos têm origem no Brasil em diversas épocas do passado, porém o que os mantém ainda correntes na sociedade? As narrativas sensacionalistas da mídia que homogeneizam as culturas chinesas sua uma das principais formas de perpetuação dos estereótipos que moldam a percepção brasileira sobre o país, afinal, é a partir da mídia que grande parte da população forma suas opiniões sobre o que acontece fora das fronteiras brasileiras, ainda mais sobre uma nação tão geograficamente distante e com um histórico manchado como a China.

A abordagem sensacionalista costuma enfatizar eventos ou aspectos que despertem o sentimento de curiosidade pelo que já é considerado exótico sem uma explanação profunda ou equilibrada dos fatos, como a abordagem da política interna do governo ou de questões mais distintas do que se costuma observar no país como o já mencionado costume do consumo da carne de cachorro, por exemplo.

No entanto, a ênfase apenas nesses aspectos não só contribui para uma percepção distorcida da China, mas também reforça uma visão maniqueísta, que é abordada por Said (1978) de que o Ocidente é detentor da liberdade e da democracia, enquanto as nações orientais são autoritárias e atrasadas.

Essa dicotomia que divide o mundo entre Ocidente e Oriente, “eu” e “outro” (Said, 1978) e bem e mal, obscurece as complexidades políticas, culturais e históricas envolvidas nas relações internacionais, impedindo um entendimento mais claro das motivações e realidades por trás das ações de países como a China.

É evidente que como uma indústria, a mídia vise a confecção de matérias cada vez mais sensacionalistas acerca da cultura chinesa, tendo em vista que esses fatores exóticos convergem com a imagem que já foi estabelecida na intersubjetividade (Wendt, 1992) brasileira acerca do país. No entanto, há de se levar em conta que o contexto no qual esses estereótipos foram criados era bastante diferente do que temos atualmente.

¹²Segundo notícia “Feira anual de carne de cachorro é aberta na China e desagrade ativistas” do jornal CNN Brasil. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/feira-anual-de-carne-de-cachorro-e-aberta-na-china-e-d-esagrada-ativistas/> Acesso em: 29 set. 2024

3.3 MANDARIM NA RELAÇÃO BRASIL-CHINA (2014-2024)

A relação Brasil-China por boa parte da história foi apenas a de países distantes que comercializavam um pouco entre si ou até mesmo países completamente fora do escopo de qualquer tipo de relações internacionais de qualquer âmbito um com o outro, como nos 10 primeiros anos da Ditadura Militar Brasileira. Porém, atualmente a China se encontra no patamar de maior parceiro comercial do Brasil.

Nos últimos dez anos, um marco importante para a relação sino-brasileira foi a atualização do Plano de Ação Conjunta realizada pela então presidente do Brasil, Dilma Rousseff, e o líder chinês Xi Jinping, com o intuito de promover uma parceria estratégica entre ambos os países.

O Plano representa uma frente intensiva de estreitamento de laços entre as nações, atingindo visando âmbitos políticos, econômicos, culturais e sociais, no entanto, o enfoque temático abordado nesse texto será referente ao Artigo 14 do Plano de Ação Conjunta (PAC), focado em questões de cunho educacional, que afirma que ambos os países concordam em fornecer auxílio no ensino de idiomas através do apoio a programas de língua portuguesa e de língua chinesa em universidades em ambos os países.

Tendo isso em vista, fica clara a intenção de ambos os países em promover o intercâmbio linguístico em seus respectivos territórios. E essa troca pode ser bastante benéfica para a modificação da identidade atribuída à cultura chinesa pela intersubjetividade construída no Brasil. Pois, apesar da relação ter crescido ao ponto da China se tornar o maior parceiro comercial do Brasil, conforme mencionado no capítulo anterior, os estereótipos negativos atrelados à China perduram por manchar a imagem do país entre o povo brasileiro geral.

4 O ENSINO DO IDIOMA COMO FERRAMENTA PARA COMPREENSÃO CULTURAL

A importância do idioma na modificação da imagem estereotipada da China no Brasil e na compreensão da cultura chinesa está diretamente ligada ao papel que uma língua pode ter como ferramenta de comunicação e de transmissão de valores culturais e simbólicos entre indivíduos e grupos sociais.

Para compreender e obter domínio sobre um idioma, é necessário mergulhar na cultura a qual ele pertence, indo além da gramática normativa da língua. É necessário aprender e se inteirar das práticas sociais, sistemas de crenças e maneiras de perceber e interpretar o mundo dos indivíduos nativos daquele idioma, pois a língua não é apenas um meio de se expressar, ela representa a cosmovisão de um povo.

Partindo do pensamento de Wendt de que a realidade internacional é construída por meio das interações sociais e compartilhamento de significados (Wendt, 1992), o ensino do mandarim no Brasil, nesse contexto, atua como uma porta de entrada para o entendimento das normas e identidades de um ator internacional estrangeiro.

No caso do mandarim, seu ensino permite que os brasileiros não apenas consigam compreender a tradução equivalente no português para as palavras na língua chinesa ou ter a habilidade de leitura de seu sistema de escrita, como também possibilita que compreendam os significados culturais que esse idioma carrega como intersubjetividade (Wendt, 1992).

Dessa forma, torna-se mais palpável a possibilidade de modificar a imagem estereotipada chinesa e modificar os significados de acordo com o novo contexto histórico (Hall, 1990) de laços comerciais fortes com o país no qual estamos inseridos.

Ademais, também é possível perceber que o domínio de um idioma como o mandarim pode ser compreendido como capital cultural (Bourdieu, 1989), visto que atrelado ao idioma, vêm aspectos profundos da cultura que o desenvolveu ao longo do tempo. Além de permitir a apropriação de elementos culturais que já são valorizados em âmbitos mais específicos como o trabalho como o trabalho com comércio exterior no Brasil, no qual, caso fale o idioma, o indivíduo possui bastante

destaque no mercado de trabalho e está mais suscetível a trabalhar fora do país, sendo mais bem remunerado, por exemplo.

Para além do capital cultural, o aprendizado do mandarim representa capital simbólico, tendo em vista que a China é historicamente rival dos Estados Unidos, - vide a Guerra Fria na qual ela permaneceu como parceiro principal da URSS o que significa que falar mandarim representa uma espécie de resistência contra a hegemonia que prega o aprendizado da língua inglesa como sendo a única necessária.

Ao aprender mandarim, um indivíduo tem acesso a conceitos e ideias que estão enraizadas no idioma, dessa forma, não se aprende apenas uma nova habilidade linguística, mas também se é exposto a diferentes formas de pensar e se comunicar, o que é essencial também para se adquirir conhecimento a respeito do país de outra fonte que não seja a sensacionalista e estereotipada, a qual costuma-se ser a única fonte de informação que se tem do país.

Tendo assim um entendimento com mais nuances e uma perspectiva mais completa das especificidades culturais e políticas do país, percebendo a pluralidade de perspectivas dentro da sociedade chinesa.

Através do domínio do idioma, os brasileiros podem ter contato direto com chineses usando o seu idioma, possibilitando uma compreensão melhor a respeito do país e dessa forma, reformulando suas identidades como membros de uma relação cultural mais firme, o que contribui para o desenvolvimento de uma narrativa de significados compartilhados (Wendt, 1992) mais verossímeis e menos estereotipados.

Da mesma maneira, é possível perceber o pensamento de Bourdieu observando a diferença de poder simbólico que o mandarim possui em relação ao à língua inglesa. Esse fator pode ser atribuído ao domínio que países como a Inglaterra e os Estados Unidos construíram ao longo dos séculos através da colonização e de guerras.

No entanto, a crescente aproximação chinesa de um patamar de potência global reflete a redistribuição corrente do poder simbólico (Bourdieu, 1989) que antes pertencia apenas ao inglês e outras línguas europeias, como o francês, para um idioma que a princípio é pouco visado.

Assim, o ensino de mandarim pode contribuir para o fortalecimento de relações mais profundas entre o Brasil e a China, baseadas na compreensão mútua

e na troca simbólica. A língua como elemento fundamental de uma cultura, oferece uma base para negociações mais meticulosas e sensíveis às diferenças culturais entre esses países.

Os valores compartilhados nessas possíveis negociações são fundamentais para as relações internacionais de ambos os países. Quando brasileiros aprendem mandarim, estão se dedicando a um processo de construção de significados (Hall, 1990) compartilhados com a China (Wendt, 1992) e reconhecendo a importância da China no cenário global e simultaneamente, promovendo a criação de uma ponte cultural que beneficia ambos os lados, contribuindo para a redução das barreiras ideológicas estereotipadas remanescentes do período do colonialismo, da Guerra Fria e da Ditadura Militar brasileira.

Portanto, o ensino do idioma tem um papel crucial na desconstrução de estereótipos e na aproximação cultural. Sob a perspectiva de Wendt, o mandarim pode atuar como meio de transformação das identidades e na criação de novos significados compartilhados na população brasileira sobre a população chinesa.

À luz do pensamento de Bourdieu, pode-se entender que o mandarim representa um capital cultural e simbólico que pode modificar as dinâmicas de poder entre os países, para além da relação Brasil-China. Investindo no ensino de mandarim no país e, conseqüentemente, na compreensão clara da cultura chinesa, o Brasil também fortalece sua posição no cenário internacional como parceiro aberto ao diálogo e à cooperação com um país em ascensão significativa.¹³

4.1 O IMPACTO DO ENSINO DE MANDARIM NO BRASIL

Após a renovação do Plano de Ação Conjunta (2014), criado com o intuito de expandir as relações Brasil-China, é possível perceber o aumento do interesse no aprendizado do idioma. Para além do Instituto Confúcio, outras formas de disseminação do ensino do idioma e da cultura chinesa foram surgindo.

¹³Segundo a notícia “Pesquisadora revela China ignorada pela mídia onde 850 milhões deixaram a pobreza” (27/9/2021) de Ayrton Centeno para o jornal Brasil de Fato no qual a pesquisadora discorre diversos fatores que comprovam o crescimento significativo do país como a retirada de 850 milhões de cidadãos chineses da linha da pobreza no período precedente e durante a pandemia do Covid-19. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/09/27/pesquisadora-revela-china-ignorada-pela-midia-onde-850-milhoes-deixaram-a-pobreza>. Acesso em: 30 out. 2024

Um caso significativo é a escola de chinês “Pula Muralha”, criada pela professora e produtora de conteúdos chinesa Si Liao e o brasileiro Lucas Brand em 2014. O curso foi criado com o intuito de ensinar o idioma e divulgar informação concreta sobre aspectos culturais chineses. De acordo com o Lucas:

Economia e carreira são dois grandes motivos pelos quais as pessoas querem aprender mandarim. Outro motivo é a cultura. A presença de artes marciais chinesas no Brasil, por exemplo, é muito forte. E mais recentemente, as novelas e músicas têm gerado bastante interesse nas pessoas (Brand, 2023).

A fala do Lucas reflete o interesse crescente que vem atingindo brasileiros, pois, apesar dos estereótipos, muitos brasileiros têm percebido que o aprendizado de mandarim abre portas para novas oportunidades no mercado de trabalho.¹⁴

Além disso é possível perceber as investidas do governo chinês com a crescente implementação de novos Institutos Confúcio - instituições focadas no ensino de mandarim e na disseminação da cultura chinesa no mundo inteiro - em território brasileiro, em que foram criados dez unidades em todas as regiões do país entre 2011 e 2016.¹⁵

Também é possível notar a aproximação entre as faculdades de ambos os países, quando a Universidade de Xangai estabelece um Instituto Confúcio em parceria com o Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) no ano de 2023, juntamente com a implementação da certificação de professores por meio de indicação do Instituto Confúcio matriz na China.

Segundo o site oficial da universidade baiana, fomentou-se o intercâmbio acadêmico e cultural com debates sobre temas contemporâneos no mundo, seminários e cursos de formação sobre a cultura e história chinesas, bem como apresentações artísticas chinesas e brasileiras.¹⁶

¹⁴Segundo notícia “Mandarim atrai cada vez mais adeptos em todo o Brasil” de Ester Cauany para o Correio Braziliense, realizada em 26/02/2023. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/euestudante/trabalho-e-formacao/2023/02/5075697-mandarim-a-trai-cada-vez-mais-adeptos-em-todo-o-brasil.html>. Acesso em: 03 dez. 2024.

¹⁵ Segundo artigo “Relações Diplomáticas entre Brasil e China possibilitam aproximação cultural, social e econômica, Disponível em: <https://www.uninter.com/noticias/relacoes-diplomaticas-entre-brasil-e-china-possibilitam-aproximacao-cultural-social-e-economica>. Acesso em: 03 dez. 2024.

¹⁶ Segundo comunicado “Instalação do Instituto Confúcio na UFBA promoverá intercâmbio linguístico e cultural entre Brasil e China” da Universidade Federal da Bahia. Disponível em: https://ufba.br/ufba_em_pauta/instalacao-do-instituto-confucio-na-ufba-promovera-intercambio-linguistico-e-cultural#:~:text=Existem%20atualmente%20no%20Brasil%2012,do%20Rio%20Grande%20do%20Sul. Acesso em: 03 dez. 2024.

Para além do Instituto Confúcio na UFBA, existem também em mais 11 centros universitários em todo o Brasil, no qual todos carregam os mesmos princípios de disseminação da cultura chinesa através do ensino do mandarim e do compartilhamento de outros aspectos culturais como gastronomia e arte.

Uma forma de atestar o interesse pelo aprendizado do idioma é a fala do diretor do Instituto Confúcio na Universidade Estadual Paulista (Unesp) no ano de 2018 para a Revista Educação, em agosto de 2018 que afirmou que “apesar do aumento do interesse, o curso regular ainda não é oferecido em volume suficiente para dar conta da demanda [...]”¹⁷. O que demonstra que há uma alta demanda pelo domínio do mandarim.

Para além disso, o curso já havia atendido mais de 11 mil alunos entre os anos de 2008 e 2018 e com o tempo passaram a ser mais procurados por crianças e adolescentes, ao invés de só pessoas mais velhas como era no começo. A matéria também explica que uma escola bilíngue chinesa foi aberta em Niterói, no Rio de Janeiro, com o apoio do governo chinês, que visava receber 72 alunos. No entanto, mais de 700 jovens demonstraram interesse e disputaram as vagas.

O Instituto Confúcio oferece também, como forma de promover o maior contato de estudantes brasileiros com a cultura chinesa, bolsas de intercâmbio. Dentre elas um curso de verão de três semanas na Universidade de Hubei - dentre outras oportunidades de seis meses, um ano ou até dois anos - na qual o único gasto do intercambista é com as passagens aéreas, todas as outras despesas de hospedagem, alimentação, passeios culturais, etc. ficam sob responsabilidade do Instituto.¹⁸

¹⁷Disponível em:

<https://revistaeducacao.com.br/2018/08/21/cresce-demanda-por-ensino-de-mandarim-no-brasil/>. Acesso em: 03 dez. 2024.

¹⁸ Disponível em:

<https://revistaeducacao.com.br/2018/08/21/cresce-demanda-por-ensino-de-mandarim-no-brasil/>. Acesso em: 03 dez. 2024.

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou compreender como o ensino do mandarim no Brasil pode servir como uma ferramenta estratégica para fortalecer os laços culturais entre o Brasil e a China, enquanto promove uma visão mais fiel e menos estereotipada do povo chinês.

É possível perceber que o idioma vai além de sua função comunicativa, representando também um símbolo de poder cultural e uma porta de entrada para uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais, históricas e políticas da China.

Ao longo dos capítulos foi possível perceber as percepções predominantes dos brasileiros sobre a China, marcada por estereótipos e preconceitos bem como que esses pensamentos são fruto de uma visão parcial e limitada reforçada por discursos midiáticos sensacionalistas que não refletem a complexidade cultural e a diversidade do país.

Dessa forma, o ensino do mandarim mostrou-se como uma investida essencial para iniciar a desconstrução dessas narrativas, promovendo intercâmbios culturais e incentivando uma interação mais próxima entre os dois países.

No entanto, devido a origem desses pensamentos estereotipados já existirem desde o princípio da nação brasileira e serem reforçados por entidades com bastante poder simbólico ao longo da história, como os colonizadores portugueses, os Estados Unidos e até mesmo membros do governo brasileiro no período da ditadura militar, o ensino de mandarim sozinho não é suficiente para desconstruir totalmente essa perspectiva.

Porém, conforme mencionado, o domínio do mandarim permite aos brasileiros não apenas acessarem diretamente a cultura chinesa, mas também uma maior abertura para questionar e reconstruir suas percepções sobre a China e até mesmo sobre a história do seu próprio país.

Portanto, pode-se concluir que embora o ensino de mandarim desempenhe um papel crucial nesse processo de aproximação cultural entre os países e na transformação de mentalidades, é necessário que ele seja integrado a um esforço mais amplo e sistêmico, como vem sendo feito pelos Institutos Confúcio no Brasil,

onde não apenas o ensino da língua normativa chinesa é ensinado, como também diversos aspectos da gastronomia, arte e filosofia do país.

Assim, o fortalecimento dessas investidas poderá, a longo prazo, ajudar a consolidar uma relação bilateral mais equilibrada, fundamentada no respeito mútuo e na valorização da diversidade.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. [S. l. : s. n.], 1989.

GIRALDI, Janaina de Moura Engracia. Reasons for country image evaluation: A study on China image from a Brazilian perspective. **The Journal of Database, Marketing & Customer Strategy Management**. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1057/dbm.2011.10>. Acesso em: 28 set. 2024.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. [S. l. : s. n.], 1990.

LEITE, Alexandre César. Cooperação Sul-Sul e Desenvolvimento Integrado como Diretrizes da Política Externa Brasileira: Uma Análise do Plano de Ação Conjunta Brasil-China. **Monções Revista de Relações Internacionais da UFGD**. V. 1, n. 2, 2013. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/moncoes/article/view/2196>. Acesso em: 28 set. 2024.

MARTINS, Maria Eduarda; MELO, Maria Luiza Alves de. **The Red Scare**: a história do pensamento anticomunista e suas consequências no mundo Ocidental. Disponível em: <http://repositorio.asc.es.br/handle/123456789/189>. Acesso em: 15 out. 2024.

OLIVA, Flávio Alberto; BARBOSA, Maria Eduarda Velasco Araújo. A importância dos idiomas nas relações de comércio exterior do BRASIL. **Revista Alomorfia**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 641-650, 2023. Disponível em: <https://www.alomorfia.com.br/index.php/alomorfia/article/view/186>. Acesso em: 28 nov. 2024.

PLANO de Ação Conjunta entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Popular da China 2015-2021. 2014.

ROQUE, Daniel Salomão. O fascínio e o preconceito contra a China que atravessam a história do Brasil. **G1, Rio de Janeiro, 05 ago.** 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cx9nwyv58yno>. Acesso em: 30 set. 2024.

SAID, Edward. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente, São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

WENDT, Alexander. Anarchy is what states make of it: the social construction of power politics. **International Organization**, [S. l.], v. 46, n. 2, p. 391-425, 1992. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/>. Acesso em: 28 set. 2024.

WENDT, Alexander. **Social Theory of International Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.